



A FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS NA EaD E OS DESAFIOS DA INCLUSÃO ESCOLAR¹ DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

NETTO, Robson Faustino

Curso de Licenciatura em Ciência Biológicas na modalidade EaD da UFMS
robsonfaustino04@gmail.com

MACIEL, Aline Mara Alves

Prof^a Ma. do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas modalidade EaD da UFMS
aline_maramaciel@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho discute a formação em ciências na EaD- Educação à Distância e os desafios da inclusão escolar de alunos com deficiência. Organizou-se o trabalho de modo a fornecer subsídios para que os professores possam compreender as contribuições da EaD na formação docente e o quanto é importante considerar a individualidade do educando, atendendo às suas necessidades específicas. Muitas vezes espera-se que o aluno se adapte à escola, sem que a escola tenha condições físicas de receber este aluno e oferecer-lhe condições de permanecer e aprender na escola. Espera-se que o trabalho forneça informações acerca do que é inclusão e de como a escola poderá se tornar verdadeiramente inclusiva.

Palavras- chave: formação; inclusão escolar; deficiência.

INTRODUÇÃO

A Educação a Distância – EAD, é uma forma recente de transmitir conhecimento. E é inegável o impulso obtido na última década, principalmente em função da facilidade de utilização dos recursos da informática e da popularização do acesso à Internet. Apesar de, em virtude das desigualdades sociais, algumas regiões do país ainda não possuem acesso à grande rede, dada a precariedade dos serviços oferecidos.

¹Bueno (2008,p.49), define inclusão escolar como uma proposição política em ação de incorporação de alunos que, tradicionalmente, têm sido excluídos da escola.



No Brasil, a Educação a Distância está normalizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e Decretos subseqüentes, dentre eles o de nº 2494/98 que define em seu art. 2º:

os cursos a distância que conferem certificado ou diploma de conclusão de ensino fundamental para jovens e adultos, do ensino médio, da educação profissional e de graduação serão oferecidos por instituições públicas ou privadas especificamente credenciados para esse fim [...].

Na mesma linha, a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) em manifesto divulgado em 21 de junho de 1995 afirma:

Acreditamos que a educação a distância, aproveitando as vantagens das novas tecnologias de comunicação, faça parte da agenda estratégica do Brasil para aumentar o acesso a oportunidades educativas em todo o território nacional, distribuindo igualmente os recursos educativos e assim aumentando o potencial para diversificação e auto-sustentação de comunidades menores e mais isoladas.

Fica evidente que a agilidade dos meios de comunicação favoreceu, também, ao fenômeno da globalização, transformando a sociedade industrial em sociedade da informação. Belloni (1999, p.3) observa que:

A educação aberta e a distância aparece cada vez mais, no contexto das sociedades contemporâneas, como uma modalidade de educação extremamente adequada e desejável para atender às novas demandas educacionais decorrentes das mudanças na nova ordem econômica mundial.

A educação a distância aparece cada vez mais, no contexto das sociedades contemporâneas, como uma modalidade de educação adequada e desejável para atender às novas demandas educacionais decorrentes das mudanças na nova ordem econômica mundial.

O ensino de Ciências constitui-se hoje, um grande desafio, uma vez que o ensino á construção dos conhecimentos científicos e o desenvolvimento tecnológico crescem a velocidades inimagináveis. Como a escola pode despertar a curiosidade de seus estudantes para conviver e atuar nessa nova realidade, considerando a diversidade presente na escola comum?

Pesquisas e estudos apontam o crescente desinteresse dos alunos pelas Ciências e a não aprendizagem dos conteúdos que lhes são ensinados. Avaliações e pesquisas têm apontado que os alunos não encontram somente dificuldades conceituais, mas também enfrentam dificuldades no uso de estratégias de raciocínio e soluções de problemas próprios da pesquisa científica.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTANCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades

12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



Os experimentos muitas vezes são vistos pelos alunos como situações de demonstração e não como de pesquisa. A atividade intelectual presente no trabalho de investigação científica é vista pelos alunos como uma atividade solitária permeada pelo esforço individual e as conquistas, como mérito pessoal e não situação de cooperação busca conjunta e aprendizagem coletiva. É fácil encontrar alunos que assumem uma postura inadequada ao trabalho científico, esperando receber as respostas em vez de buscá-las, que perderam o interesse e o encantamento em fazer perguntas, questionar a si, ao outro e a situação observada.

Os conhecimentos do senso comum, que os sujeitos adquirem de sua cultura local e ao longo de suas vivências, devem ser tratados e vistos como importantes na construção dos conhecimentos científicos, principalmente se considerarmos que hoje, e cada vez mais, as crianças, desde muito pequenas, têm contato e interagem com informações relacionadas às Ciências, assim como com o avanço da tecnologia. Ao entrar na escola, os alunos já trazem um conhecimento substancial do mundo, sobre o qual se pode intervir para desenvolver a compreensão de conceitos científicos.

A distância entre a Ciência que é ensinada na escola e as vivências dos alunos é cada vez maior, refletindo uma crise na cultura educacional. Se quisermos formar gerações de pessoas atuantes, críticas, produtivas e participativas é preciso olhar para o ensino de Ciências e superar a cultura transmissiva de informação, a organização e a distribuição linear e reducionista dos conteúdos.

É preciso abrir espaço para uma nova cultura de aprendizagem de Ciências, que transcende a cultura impressa da informação como, também a manipulativa, abrindo espaço e aprofundando as dimensões de educação em Ciências, de educação sobre Ciências e educação para as (ou por meio das) Ciências.

Quanto à inclusão escolar de alunos com deficiência no ensino comum, trata-se de uma realidade nos dias atuais, entretanto, ainda são notórios os desafios que os docentes enfrentam no dia a dia da escola. Conforme apontam os estudos de Alarcão (1996), uma atitude bastante comum entre os professores iniciantes é a de atribuir aos seus cursos de formação a

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades
12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



responsabilidade por não possuírem conhecimentos práticos para assumir a sala de aula, pois eles se sentem perdidos ao sair dos cursos de licenciatura.

Quando os professores se deparam com uma realidade na qual não tiveram contato em sua formação acabam se desestimulando a continuar na docência ou então, desenvolvem função de forma ineficaz. Nesse sentido, ao invés de fazer a inclusão os professores fazem apenas a inserção desse aluno deixando de lado a sua aprendizagem. Além disso, a formação docente, diante do paradigma da inclusão escolar não se restringe à sala de aula. É esperado que esse profissional seja capaz de gerenciar todo o processo inclusivo. Assim, esse estudo propõe uma discussão sobre os desafios do ensino de Ciências nos anos iniciais da escolarização.

Para tanto, conta com as contribuições de Bueno (1999), Glat (2007), Santos (2009), entre outros e ainda com o PCN Ciências, documento orientador do ensino de ciências para o ensino comum.

O ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE ORIENTAM OS PCNS

Popularmente reconhecidas como curiosas, atualmente as crianças não têm demonstrado o mesmo interesse pelos porquês dentro da sala de aula. Estudos ainda apontam as dificuldades que os alunos apresentam para assimilar os conteúdos relacionados às Ciências. Neste novo cenário cabe aos professores estimularem o interesse pelo aprendizado, correlacionando os conhecimentos do cotidiano e acadêmico.

Para superar a visão que os alunos têm sobre as Ciências, divulgadas pela mídia, reforçadas pelo tratamento que a escola dá à área e divulgadas em alguns livros didáticos, o trabalho com as Ciências na escola deve ser entendido como um processo em que o aluno aprende pela interação entre os conhecimentos que já possui, suas concepções espontâneas, e as informações, experiências, investigações que o professor oferece e organiza.

Os PCNs (1997) colaboram com a formação de um cidadão crítico e que obtém a compreensão do mundo e suas transformações. Os professores compartilham seu esforço diário de fazer com que as crianças dominem os conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel em nossa sociedade.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades
12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



Nesse sentido, o propósito do Ministério da Educação e do Desporto, ao consolidar os Parâmetros, é apontar metas de qualidade que norteiem o trabalho dos professores para inserir o aluno no mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres. De acordo com os PCNs (1997. p, 27), os campos do conhecimento científico: a Astronomia, Biologia, Física, Geociências e Química têm por referência as teorias vigentes, que se apresentam como conjuntos de proposições e metodologias altamente estruturados e formalizados, muito distantes, portanto, do aluno em formação. Não se pode pretender que a estrutura das teorias científicas, em sua complexidade, seja a mesma que organiza o ensino e a aprendizagem de Ciências Naturais no ensino fundamental.

É importante então, que a história das idéias científicas e a história das relações do ser humano com seu corpo, com os ambientes e com os recursos naturais devem ter lugar no ensino, para que se possa construir com os alunos uma concepção interativa de Ciência e Tecnologia não neutras, contextualizada nas relações entre as sociedades humanas e a natureza.

A partir disso é admissível que pela abrangência e pela natureza dos objetos de estudo das Ciências, é possível desenvolver a área de forma muito dinâmica, orientando o trabalho escolar para o conhecimento sobre fenômenos da natureza, incluindo o ser humano e as tecnologias mais próximas e mais distantes, no espaço e no tempo.

Estabelecer relações entre o que é conhecido e as novas idéias, entre o comum e o diferente, entre o particular e o geral, definir contrapontos entre os muitos elementos no universo de conhecimentos são processos essenciais à estruturação do pensamento, particularmente do pensamento científico.

Os PCNs (1997. p, 27-28) também trazem que os aspectos do desenvolvimento afetivo, dos valores e das atitudes também merecem atenção ao se estruturar a área de Ciências Naturais, que deve ser concebida como oportunidade de encontro entre o aluno, o professor e o mundo, reunindo os repertórios de vivências dos alunos e oferecendo-lhes imagens, palavras e proposições com significados que evoluam na perspectiva de ultrapassar o conhecimento intuitivo e o senso comum.



Ressalta ainda que se a intenção é que os alunos se apropriem do conhecimento científico e desenvolvam uma autonomia no pensar e no agir, é importante conceber a relação de ensino e aprendizagem como uma relação entre sujeitos, em que cada um, a seu modo e com determinado papel, esteja envolvido na construção de uma compreensão dos fenômenos naturais e suas transformações, na formação de atitudes e valores humanos.

Dizer, portanto, que o aluno é sujeito de sua aprendizagem significa afirmar que é dele o movimento de ressignificar o mundo, isto é, de construir explicações norteadas pelo conhecimento científico. É, então, dizer que os alunos têm idéias acerca do seu corpo, dos fenômenos naturais e dos modos de realizar transformações no meio são modelos com uma lógica interna, carregados de símbolos da sua cultura. Convidados a expor suas idéias para explicar determinado fenômeno e a confrontá-las com outras explicações, eles podem perceber os limites de seus modelos e a necessidade de novas informações e estarão em movimento de ressignificação.

Os PCNs (1997. p, 28) afirmam que isso é um processo que deve ser construído com a intervenção do professor, pois é ele quem tem condições de orientar o caminhar do aluno, criando situações interessantes e significativas, fornecendo informações que permitam a reelaboração e a ampliação dos conhecimentos prévios, propondo articulações entre os conceitos construídos, para organizá-los em um corpo de conhecimentos sistematizados.

Portanto, ao longo do ensino fundamental a aproximação ao conhecimento científico se faz gradualmente. Nos primeiros ciclos o aluno constrói repertórios de imagens, fatos e noções, sendo que o estabelecimento dos conceitos científicos se configura nos ciclos finais. E ao professor cabe selecionar, organizar e problematizar conteúdos de modo a promover um avanço no desenvolvimento intelectual do aluno, na sua construção como ser social e crítico. É importante, no entanto, que o professor tenha claro que o ensino de Ciências não se resume à apresentação de definições científicas, em geral fora do alcance da compreensão dos alunos.

Definições é o ponto de chegada do processo de ensino, aquilo que se pretende que o aluno compreenda ao longo de suas investigações, da mesma forma que conceitos, a procedimentos e atitudes também são aprendidos. Os PCNs (1997. p, 29) em Ciências Naturais

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades
12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



são procedimentos fundamentais aqueles que permitem a investigação, a comunicação e o debate de fatos e idéias. A observação, a experimentação, a comparação, o estabelecimento de relações entre fatos ou fenômenos e idéias, a leitura e a escrita de textos informativos, a organização de informações por meio de desenhos, tabelas, gráficos, esquemas e textos, a proposição de suposições, o confronto entre suposições e entre elas e os dados obtidos por investigação, a proposição e a solução de problemas, são diferentes procedimentos que possibilitam a aprendizagem.

Da mesma forma que os conteúdos conceituais, os procedimentos devem ser construídos pelos alunos por meio de comparações e discussões estimuladas por elementos e modelos oferecidos pelo professor.

Com isso, em Ciências Naturais é relevante o desenvolvimento de posturas e valores pertinentes às relações entre os seres humanos, o conhecimento e o ambiente. O desenvolvimento desses valores envolve muitos aspectos da vida social, como a cultura e o sistema produtivo, as relações entre o homem e a natureza. Nessas discussões, o respeito à diversidade de opiniões ou às provas obtidas por intermédio de investigação e a colaboração na execução das tarefas são elementos que contribuem para o aprendizado de atitudes, como a responsabilidade em relação à saúde e ao ambiente.

É importante ressaltar também que o incentivo às atitudes de curiosidade, de respeito à diversidade de opiniões, à persistência na busca e compreensão das informações, às provas obtidas por meio de investigações, de valorização da vida em sua diversidade, de preservação do ambiente, de apreço e respeito à individualidade e à coletividade, têm lugar no processo de ensino e aprendizagem.

E quanto ao planejamento e desenvolvimento dos temas de Ciências em sala de aula, cada uma das dimensões dos conteúdos deve ser explicitamente tratada. É também essencial que sejam levadas em conta por ocasião das avaliações, de forma compatível com o sentido amplo que se adotou para os conteúdos do aprendizado. A avaliação deve ser entendida como instrumento de análise, onde o professor poderá verificar as aprendizagens de determinado conteúdo que não seja de forma mecânica, mais sim conhecimentos significativos para esse

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades

12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



aluno. Além disso, o professor precisa saber que os erros também orientam o processo de ensino aprendizagem dos alunos.

Dessa forma os PCNs desenvolveram objetivos para que possa atender a essa expectativa de fazer com que o aluno aprenda ciências de forma significativa, e atue no mundo transformando as coisas em sua volta, atendendo suas necessidades, mas também cumprindo com seu papel de cidadão participativo e construtor de conhecimentos.

Assim, o ensino de ciências o ajudará a se entender como participante de tudo que acontece ao seu redor, auxiliando tanto nos conhecimentos científicos como tecnológicos, sendo capaz de solucionar os problemas que surgirem usando as ciências naturais. O trabalho em grupo e os experimentos auxiliarão bastante para o aluno entender o quanto é importante trabalhar coletivamente trocando conhecimentos e experiências, o que irá torná-lo tanto crítico como participativo em todos os campos de estudo. Com isso, visando à aprendizagem verdadeira e o ensino realmente válido de ciências, como disciplina que interage e faz parte da vida do aluno.

Quanto aos conteúdos de ciências naturais, os blocos desses conteúdos estão separados de acordo com a natureza de cada disciplina. Para que a natureza de cada conteúdo seja explanada de uma forma isolada e mais aprimorada, com o intuito de possibilitar uma organização dos mesmos PCNs (1997. P, 33).

Cada bloco temático abrange no seu toda uma porção de conceitos e procedimentos que surgem para que haja uma melhor compreensão por parte da temática em foco.

Os conceitos aqui existentes são expostos em duas partes. A de Ciências Naturais, que envolve conhecimentos de outras ciências e as Ciências Tecnológicas que são basicamente organizadas em teorias científicas.

As mais diversas áreas das ciências como astronomia, biologia, química são essenciais para que todos obtenham um melhor desempenho intelectual, e com isso possa melhor adequar seus conhecimentos em outras áreas, para que futuramente estes possam melhorar o meio em que vivem.



Por isso se faz necessário o ensino de ciências nas salas de aula, mas é preciso que os procedimentos utilizados sejam dados de uma forma em que se produzam conhecimentos e dê ao aluno a oportunidade de indagar, questionar e criticar, pois só assim é que ele vai conseguir se desenvolver enquanto ser pensante e crítico.

O professor nesse cenário assume o papel daquele que coordena, controla o fluxo de informação, ora oferecendo-a ora problematizando as descobertas e observações realizadas.

Situações como essas requerem um professor que estuda, planeja, estabelece metas, um professor que atue como um investigador não só das aprendizagens como também das potencialidades das situações de ensino oferecidas aos alunos. Dessa maneira, evita-se o enfoque exato e dogmático das propostas indutivistas ou o disperso e ambíguo característico do modelo espontaneísta.

A INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA E O ENSINO DE CIÊNCIAS: APONTAMENTOS IMPORTANTES

O Ensino de Ciências, assim como todos os outros, pode ser ministrado com diversos trabalhos dinâmicos, metodologias diferenciadas, inovadoras e criativas e podem fazer com que se trate de um assunto interessante e a partir do qual alunos podem fazer paralelos e trazer muito do que é visto dentro de sala de aula para o cotidiano. Não se pode esquecer que o Ensino de Ciências também apresenta temas complexos, que muitas vezes não são compreendidos a princípio pelos alunos e, por mais este motivo, deve ter a atenção, cuidados necessários para ser ministrado da melhor forma possível e para que este ensino e todos os outros não desconsiderem os alunos com deficiência que estão na sala comum.

Santos (2009) discute a respeito da relação aluno-professor, a autora afirma que a cumplicidade deve estar presente sempre, só não se pode esquecer que para que esta relação ocorra desta forma, deve-se haver estrutura, recursos suficientes, o que muitas vezes nem toda escola dispõe destes recursos.

Viveiros e Camargo (2006) explicam como metodologias diferenciadas podem acrescentar no ensino de Ciências e como isto pode interferir no ensino dentro de uma aula

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades

12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



inclusiva. Vários métodos de ensino são propostos, dentre eles métodos de ensino para deficientes visuais, acompanhado de recursos didáticos e sugestões de metodologias de ensino.

Os autores acreditam que em se tratando de um deficiente visual, o diálogo deve sempre estar presente dentro e fora de sala de aula, acompanhado de um tom de voz calmo, normal, sem parecer um esforço ou algo feito sem naturalidade e firmeza. Indicam que os professores devem solicitar ajuda aos demais alunos quanto às orientações em determinadas atividades e temas apresentados em sala de aula. Apontam que o posicionamento dos alunos com necessidades educacionais especiais em sala de aula também é importante para que este aluno apresente um bom desempenho.

Ribeiro (2004) trata a respeito da inclusão relatando as práticas adotadas no Museu de Ciências Morfológicas situado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Vários projetos estão sendo realizados neste Museu e se enquadram no cenário da inclusão social e consequentemente, educação inclusiva. Dentre eles está o projeto “A célula ao alcance da mão” que contempla a inclusão de cegos e deficientes visuais para conhecer a estrutura e funcionamento do corpo humano. A autora descreve o processo de implantação deste projeto, que se inicia na percepção das dificuldades de alunos com deficiências, em disciplinas de cursos das áreas Biológicas e da Saúde.

Mathias (2009) declara que todos que se inserem no contexto da educação, como pais, professores, alunos e a escola como um todo, devem sempre estar atentos ao comportamento dos alunos em sala de aula e, além disso, oferecer metodologias e estratégias didáticas diferenciadas para auxiliar no aprendizado destes alunos. A autora discute a respeito de metodologias para o ensino de ciências aplicadas para alunos com necessidades especiais.

As dificuldades são muitas, pois não existem recursos necessários e, ainda hoje, a exclusão ainda está muito presente dentro das escolas, exclusão esta que não ocorre somente com algum aluno com deficiência, mas que pode ocorrer com qualquer aluno pelo simples fato de apresentar alguma dificuldade de aprendizado.



Santos (2009) ao referir-se à Educação Especial², declara que esta requer dos professores mudanças sociais e individuais, e que a utilização de recursos didáticos diferenciados (recursos estes que já são muito utilizados no Ensino de Ciências em geral) ajuda na busca da identidade intrapessoal e interpessoal de ambos (alunos e professores). Para a autora, a relação aluno-professor deve ser de parceria e cumplicidade e que a partir daí as dificuldades no aprendizado podem ser minimizadas, fazendo com que este aluno possa interagir socialmente e ajudando-o a ser ativo no processo de aprendizagem e de sua realização como sujeito.

Existem muitos obstáculos que impedem que a política de inclusão escolar aconteça plenamente em nosso cotidiano. Entre estes, a principal, sem dúvida, é o despreparo dos professores do ensino comum para permitir que real inclusão aconteça em suas salas de aulas, geralmente repletas de alunos com os mais variados problemas sociais, disciplinares e aprendizagens (Bueno, 1999; Glat, 2007).

Como já considerado, o ensino comum tem excluído, sistematicamente, larga escala da população escolar sob a justificativa de que esse alunado não reúne condições para usufruir o processo de escolarização por apresentar problemas de diversas ordens, ou, como podemos nos orientar pelas palavras de Coll, Palácios & Marchesi (1995, p.11), “por apresentarem algum tipo de aprendizagem ao longo de sua escolarização, que exige uma atenção mais específica e maiores recursos educacionais do que os necessários para os colegas de sua idade”.

Bueno (1999) nos fala que para que o ensino seja de qualidade para os alunos com deficiência, na perspectiva de uma educação inclusiva, há muitos aspectos envolvidos, entre eles os dois tipos de docentes: professores “generalistas” do ensino comum, com o mínimo de conhecimento e prática sobre os mais variados alunos e professores; “especialistas” nas diferentes “necessidades educativas especiais³”, seja para trabalhar direto com os alunos, seja

² A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular.

³necessidades educacionais especiais referem-se às crianças que apresentam situações atípicas em suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras” (BRASIL, 2006, p.330).

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades

12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



para dar apoio ao trabalho realizado por professores de classes comuns que integrem esses alunos.

Fonseca (1995) acredita que é preciso preparar todos os professores, com urgência, para se obter sucesso na inclusão escolar, por meio de um processo de inserção progressiva. Porém, os professores só poderão adotar essa postura se forem adequadamente equipados, se sua formação for melhorada, se lhes forem dados meios de avaliar seus alunos e elaborar objetivos pedagógicos e podendo contar com uma orientação eficiente nessa mudança de postura para buscar novas aquisições e competências.

Olhando para os cursos que formam professores que irão atuar com a Educação Infantil e o Ensino Fundamental e com as séries iniciais, não se observa uma grande preocupação com relação à construção do conhecimento à educação e do ensino. Falta o costume de se pesquisar sobre o trabalho escolar. Esses cursos, em sua maioria, priorizam a visão sobre o ensino comum voltado para as crianças que não apresentam deficiências. Os docentes que estão sendo formados não estão sendo preparados para lidar com as diferenças, sejam elas culturais ou éticas, situação essa que tem preocupado a sociedade atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração todos os aspectos analisados no decorrer da pesquisa, o ensino de ciências e os desafios da inclusão escolar de alunos com deficiência nos anos iniciais do ensino fundamental, deixa claro e de forma objetiva como o docente deve trabalhar os conteúdos de acordo com os PCNs para que haja melhor entendimento e com isso haja a inclusão de alunos com deficiência. Porém a grande preocupação fica com o despreparo desses educadores, que não recebem as orientações nos curso de formação para trabalhar. Acerca da diversidade, fica claro que todos entendem a diversidade como as diferenças que os seres humanos possuem, sejam elas individuais ou coletivas, no tocante a pensamentos, crenças, religiões, etnias tudo que seja diferente do outro.

A pesquisa aponta que os professores afirmam que aceitam a diversidade, o diferente e o novo, mas, aceitar apenas não é estar incluindo. As contradições surgem pelo motivo deles aceitarem e ao mesmo tempo não saberem como lidar com esses alunos, encontram dificuldades

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades

12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



e dizem que não tem. Nesse sentido, acredito que se faz necessário uma busca contínua de formação continuada, dando ênfase à formação voltada para o atendimento aos alunos com deficiência em classes do ensino comum. Os professores que já trabalham na educação especial sabem lidar com as diversas situações, mas então, como ficam os professores das classes do ensino comum que recebem um aluno especial e que não têm experiência?

A resposta para essa questão na minha visão enquanto acadêmico, levando em consideração algumas experiências vividas nas escolas, esses alunos ditos “inclusos” ficam nas salas regulares “abandonados” quando não tem um auxiliar. Geralmente, os professores não sabem como lidar com esses alunos, bem como na maioria das vezes não procuram saber como trabalhar com eles de forma integrada com os outros. A alternativa que mais se encontra durante o trabalho, são alunos “inclusos” pintando, desenhando ou passeando pelos pátios, a atividade é totalmente diferente do que os outros estão fazendo. Desse modo, acredito que isso é o puro preconceito revestido por boa aparência. Diante dessas situações, ainda falamos que a inclusão está acontecendo, a realidade não funciona como deve e se continuar assim não vai funcionar, o comodismo toma frente e muitos não mudam conceitos.

Atualmente, o discurso da educação inclusiva é como aquela que garante o acesso e permanência dos alunos na escola, oferecendo condições (materiais, profissionais e organizacionais) no apoio as suas necessidades, reforçando assim a política de inclusão. Inserir o aluno na sala regular e deixá-lo a mercê é exclusão e não inclusão.

O mais importante na vida é a gente reconhecer o outro como eu me reconheço, aceitando defeitos e qualidades. Acredito na educação brasileira como educador, quando queremos algo devemos ir buscar, é isso que temos que fazer quando pensamos na educação inclusiva, incluir não é apenas trazer para dentro de uma sala e dizer que está fazendo inclusão, incluir é garantir acesso e permanência do alunos, oferecendo serviços especializados, materiais adaptados, capacitação dos profissionais, reforma nas diversas políticas educacionais e dedicação, não é fácil, mas algo possível e necessário.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

EaD na região Centro-Oeste: Institucionalização, Limites e Potencialidades
12 a 14 de abril de 2018 - Campo Grande/MS



REFERENCIAS

ALARCÃO, I. (Org.) **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUENO, J.G.S. **A Educação Inclusiva e as Novas Exigências para a Formação de Professores**: Algumas Considerações. In: BICUDO M.A.; SILVA JÚNIOR C.A. da (Orgs.). **Formação do educador e avaliação educacional: Formação inicial e contínua**. Formação do educador e avaliação educacional: Formação inicial e contínua. p. Formação do educador e avaliação educacional: Formação inicial e contínua. 149-164. São Paulo: Editora UNESP. 1999.

_____. **Crianças com necessidades educativas especiais, políticas públicas e a formação de professores**: generalistas ou especialistas? *Revista Brasileira da Educação Especial*, v. 3, n. 5, PP.7 – 25, 2001.

CAMARGO, Éder Pires; VIVEIROS, Edval Rodrigues. **Ensino de ciências e matemática num ambiente inclusivo**: pressupostos didáticos e metodológicos. Bauru, 2006.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**: necessidades educativas especiais, Porto Alegre: Artes Médicas, v.3, 1995. GLAT, R. **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. (Questões atuais em Educação Especial IV).

FONSECA, V. **Educação Especial**: Programa de Estimulação Precoce – Uma introdução às ideias de Fuerstein. Porto Alegre: 2. ed., – Ed. Artes Médicas, 1995.
<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 21 julho. 2016.

GLAT, R. **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. 210p.



MATHIAS, Daphine Ferreira. **Metodologias para o ensino de ciências direcionadas a alunos com necessidades educativas especiais**. Porto Alegre, 2009.

POZO, Juan Ignacio. **La Crisis de la Educación Científica, Volver a lo Básico o Volver al Constructivismo?** Editores: [Graó](#), Espanha, 2000. ISBN: 84-7827-227-5

RIBEIRO, Maria das Graças. **Inclusão sócio-educacional no ensino de ciências integra alunos e coloca a célula ao alcance da mão**. Anais do 7º Encontro de Extensão da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004.

SANTOS, Silvandira de Oliveira. **Educação inclusiva: representações de professores de uma escola pública do estado de São Paulo**. Universidade de São Paulo. 2009.